



# constância

Biblioteca Municipal Alexandre O'Neill

11.<sup>º</sup>  
**Concurso  
Literário  
Alexandre  
O'Neill 2025**

**Textos  
Vencedores**

11.º

# Concurso Literário Alexandre O'Neill 2025

## Listas de Vencedores

### 3º Ciclo

Nome do Participante	Pseudónimo	Título do Trabalho
Valéria Brás da Silva Lopes	Lua	Morte despercebida

### Comunidade Adulta - Conto

Nome do Participante	Pseudónimo	Título do Trabalho
Ilda Maria Nunes Henriques Azevedo Carinhas	Romãzinha Maria	A ilha que espera (Vencedora)
José Martinho Serras Gaspar	Maria Afonso	Cruzeiro das bruxas (Menção Honrosa)

### Comunidade Adulta - Poesia

Nome do Participante	Pseudónimo	Título do Trabalho
Nuno Filipe Meireles de Sousa	Pedro Nuno	Apagão com alma (Vencedora)
Ilda Maria Nunes Henriques Azevedo Carinhas	Romãzinha Maria	A ilha e os poetas (Menção Honrosa)

11.º

# Concurso Literário Alexandre O'Neill 2025

## Morte despercebida Lua (3º ciclo)

Num baloiço enferrujado,  
Havia uma menina nele sentada,  
Seus cabelos loiros brilhavam sob a luz da lua,  
A sua pele, que a cada segundo, ficava mais pálida.

O seu corpo tremia incontrolavelmente,  
O sangue vermelho-escuro que escorria pelos seus pulsos brilhava.  
E ela ali, a morrer lentamente, sem sentir nada.  
Ela já estava morta há muito, mas ninguém percebeu.

Porque não havia sangue,  
Mas desde aquele dia em que ela estava deitada, na cama, parada a chorar.  
Ela morreu,  
E depois tinha encontrado conforto na lâmina.

Era a sua única companheira,  
A única que podia ajudá-la.  
E naquela noite, naquele baloiço,  
Ela deu o seu último suspiro, mas não perdeu o brilho dos seus olhos.

Ela já o tinha perdido há muito,  
Já estava morta,  
Só faltava enterrar.

# Concurso Literário Alexandre O'Neill 2025

## A ilha que espera

Romãzinha Maria (Comun. Adulta - Conto)

1.

O nevoeiro vinha devagar, como quem não quer acordar o Tejo. De cima, tudo era mapa: curvas de água como linhas da mão, a confluência do Zêzere a desenhar um coração torto.

Ele voava baixo o suficiente para reconhecer as margens e alto o suficiente para fingir que não pertencia a nenhuma delas.

Chamava-se Antero, destacado na Base de Tancos. Não dizia "sou piloto" - dizia "ando no ar", como quem confessa um vício antigo.

Nesse início de verão, o rio tinia como prata. Foi então que ele distinguiu: uma mancha verde ao meio, um véu leve de bruma, e, por um instante, a silhueta de alguém.

Uma mulher? Uma figura? Uma memória inventada pelo nevoeiro?

O rádio chiou com a voz rotineira da torre.

- Proa estável, Antero?

- Estável, sim.

Mas o que falhou foi o coração - deu um solavanco que o fez baixar a mão sobre o manche com um respeito novo, como quem toca um rosto.

Dizem que há ilhas que não são de terra,  
são de espera.

E esperam não por barcos,  
mas por quem se decide.

Constância dormia branca e tranquila. Antero pousou o corpo na vila como quem pousa um caderno, para escrever nele uma coisa que ainda não sabia. No café da esquina, alguém falava de peixe do rio, de fotografias antigas, de uma festa que

vinha aí.

E ela entrou com duas fatias de pão e um sorriso que parecia conhecer as correntes. Trazia nos olhos o reflexo de duas águas e nos dedos um hábito de livro: folhear o ar antes de tocar nas coisas.

- Não és daqui, pois não? - perguntou, sem o espanto dos forasteiros.

- Não. Venho do lado de cima.

- Do céu?

- Da base. - Sorriu, encurralado. - Mas hoje desci à terra.

Falaram como quem troca margens. Ele disse-lhe que vira uma figura na Ilha dos Amores. Carminda não perguntou qual ilha, tal como não disse isso são histórias.

- Todos vêm por causa de uma coisa sem nome - respondeu. - A ilha vai dando o nome. Às vezes, chama regresso; outras vezes, chama começo.

## 2.

No dia seguinte, ele voltou a passar no ar. O nevoeiro deixou um corredor limpo sobre Almourol. O castelo ergueu-se, de pedra e sentinela, com a água a lamber-lhe os pés.

Antero lembrou-se de histórias de escola: fidalgos, armas, noites de vigia. Mas nada o preparou para o que viu junto à mata verde - a mesma figura da véspera, agora nítida, de pé, a olhar o céu como se soubesse o nome de quem a olhava. Desceu mais um pouco, sabendo que desobedecia ao acordo tácito entre rios e homens.

A voz do rádio veio outra vez:

- Antero, confirma altitude?

- Confirmo.

Mas o que na verdade se confirmou foi a certeza de que a ilha tinha olhos.

Almourol é um farol de pedra:

guarda não só o que foi,

mas o que poderia ter sido

se alguém tivesse chegado a horas.

Encontraram-se sem combinar. Na ponte sobre o Zêzere, Carminda esperava com as mãos na guarda como quem segura um leme.

- Vi-te passar - disse ela.

- E eu vi-te ficar. Ela estava à tua volta - Ele apontou para a ilha, sem vergonha do absurdo.

- A ilha vem onde a chamam.

Caminharam pelo cais - casas baixas, varandas com roupas a secar, cheiro a rio e a metal antigo.

Antero falava pouco. Às vezes, os de cima não sabem falar com os de baixo.

Carminda, pelo contrário, tinha vocação de ponte. Nascera entre dois rios,

aprendera cedo a dizer "e" em vez de "ou".

- O Tejo e o Zêzere não escolhem - explicou - Encontram-se. É tudo.

Nessa noite, sentaram-se num muro de pedra, olhando o castelo, ao longe.

- Há uma história da ilha - contou Carminda. - Não é só de amantes. É de guias.

Àqueles que chegam cansados de céu e de estrada, a ilha oferece chão.

- E depois?

- Depois, uns ficam. Outros voltam a partir. Mas, quando partem depois de saber, partem com outra gravidade.

### 3.

As semanas fizeram aquilo que sabem: pareceram dias. Antero aprendeu a ler o tempo no dorso da água. A base chamava-o nas manhãs - exercícios, missões, um calendário de letras e números; a vila chamava-o nas tardes: passos curtos, pão, sombras ao fresco, o poeta Alexandre O'Neill impresso nas paredes como um sorriso enviesado.

Quando sobrava luz, iam até Almourol, num barco velho alugado a um homem de dedos de anzol.

- O castelo é mais bonito de dentro - disse Carminda.

- Como as pessoas?

- Como os rios.

Atracaram junto a uma língua de areia. Antero tocou a pedra com a palma da mão aberta, como se jurasse o que não sabia.

Carminda caminhou adiante, a manga do vestido quase a roçar a água.

- Sabes por que é que os castelos têm escadas em caracol? - perguntou-lhe, risonha. - Para obrigar o corpo a decidir a cada passo.

- E a ilha, a que obriga?

- A ilha não obriga. Espera.

Às vezes o coração é uma base aérea:

tudo preparado para levantar,

e de repente o vento vira,

e é preciso ficar.

### 4.

No terceiro domingo, a ilha falou. Não com voz, mas com bruma. Desceu sobre a água um tecido fino que deixava ver e não ver.

O barqueiro disse que ficava por ali, sabia do rio o suficiente para não querer ser herói.

- Hoje não se atravessa - avisou.

- Precisamos só de ver, de perto - insistiu Antero, num tom que nem ele reconheceu.

Foram até ao limite. A bruma abriu-se como cortina e, de súbito, a margem parecia um palco.

Havia uma mulher na ilha. Desta vez, inequívoca. Vestido claro, pés nus na relva. Carminda parou, um passo antes do possível.

Antero sentiu o impulso antigo de avançar: mais perto, mais certo, mais claro.

Mas a ilha não se atravessa. A ilha acontece.

A mulher ergueu o braço, como quem diz ao longe: "Já nos vimos. Agora escolhe." O barqueiro tossiu, o barco deu um soluço de madeira cansada. A bruma fechou-se.

Carminda pousou a mão no braço de Antero, leve, como um aviso que não dói.

- Há margens que só se chegam sem força.

Nesse dia, ele não conseguiu voar. Pediu troca de escala. O chefe olhou-o com olhos de lista, marcou outra ronda para outra pessoa, disse "descansa".

Antero foi até à biblioteca Alexandre O'Neill. Recolheu poemas. Abriu um livro: "Uma Coisa em Forma de Assim". Riu-se de uma frase que parecia escrita para aquele dia: "Gosto pouco de coisas definitivas."

Carminda trazia um caderno de capa azul.

- Escreves? - perguntou ele.

- Às vezes.

- O quê?

- Pontes.

O amor às vezes é isto:

duas margens a estudar a corrente,  
 fingindo que escolhem,  
 quando na verdade já foram escolhidas.

## 5.

A notícia chegou numa terça-feira, atirada como pedra: fim de comissão, regresso marcado, datas que não sabem ouvir promessas.

Antero enfiou as mãos nos bolsos, como quem guarda os dedos para que não digam nada.

Encontrou Carminda na ponte, o lugar onde as coisas começam a falar sozinhas.

- Tenho de ir.

- Eu sei.

- Não sei como é que se parte com o rio dentro.

- Não se parte - respondeu de modo simples. - Continuas a voar. E às vezes voltas a aterrarr.

- E tu?

- Eu fico. Alguém tem de ficar para ser margem.

É a margem que dá forma ao rio, mas é o rio que dá razão à margem.

Na véspera, decidiram ir a Almourol ao entardecer - um acordo entre luz e sombra, como se pedissem ao céu meia hora de suspensão.

O barco foi cortando a água mansa, o ruído do motor a meia voz. O castelo aproximou-se, pedra sobre pedra, e uma andorinha desenhou um S por cima das ameias.

- Os pássaros sabem mais de pontes do que nós - disse Carminda.

Atracaram. Subiram as escadas em caracol. Lá em cima, o vento vinha com sal e folha. A ilha, ao longe, parecia mais perto.

Antero encostou a testa à muralha, num gesto de quem tira febre ao pensamento.

- Não quero ir, Carminda.

- Eu sei.

- E se eu ficasse?

- O que é que ficava de ti se ficasses contra o teu céu?

- Não sei. Talvez outra coisa.

- A ilha não quer que se renuncie. Só quer que se escolha sem mentira.

Permaneceram calados, durante algum tempo, a aprender o contorno um do outro.

Na hora da partida, o céu estava limpo. A confluência brilhava como faca lavada.

Antero subiu, fixou as mãos, repetiu procedimentos, falou com vozes invisíveis.

Ao passar sobre Constância, desligou um milímetro do ruído interior e deixou apenas a visão: a vila, a ponte, a biblioteca, o cais, o café.

No exacto ponto onde o Zêzere dá a mão ao Tejo, viu algo como um lenço, ou um gesto, ou um nome. A ilha estava lá – só podia ser a ilha? - e a figura no meio, de pé, de mão no ar, silenciosa.

Ele não baixou. Não piscou. Não rompeu nada. Passou no alto, como quem respeita um altar.

Às vezes, amar é não descer.

É passar devagar por cima

e guardar a luz inteira.

## 6.

Semanas depois, chegou a carta. Era uma folha só, escrita com caneta que conhecia o peso de quem escreve devagar.

"Antero, a ilha apareceu outra vez. Não para me chamar, mas para dizer que a espera também escolhe de quem é.

Eu continuo aqui - a aprender margens.

Quando voltares, não me procures na ilha. Procura-me na ponte.

A ilha é para os que precisam de prova. A ponte é para os que já sabem.

Carminda"

Ele releu, e algo assentou, como pedra no lugar certo da parede.  
No dia seguinte, pediu transferência para mais perto do Tejo. Não era capitulação - era estratégia de navegação: aprender a voar em órbita de rio. Quando voltou, o verão tinha mudado de página.

Carminda esperava junto ao gradeamento, os braços nus a pedir brisa.

- Estive aqui.- apontando para o encontro dos rios. - O futuro também vem margens.

Caminharam até ao cais. O barqueiro dos dedos de anzol sorriu sem excessos.

- Hoje atravessa-se - disse. - O nevoeiro foi passear.

Foram os dois no silêncio confortável de quem transporta uma resposta.

A ilha recebia-os sem teatro: relva simples, árvores, o rumor do Zêzere a dar conselhos ao Tejo. No centro, nada de figuras, nada de aparições. Só um chão. Carminda ajoelhou-se, não como quem reza mas como quem planta. Enterrou uma pequena estaca de salgueiro que trouxera na bolsa, envolta num pano azul.

- Para lembrar que o que espera também cria raízes.

Antero tocou a estaca com dois dedos, como quem assina em braille.

- E o castelo?

- O castelo guarda. A ilha chama. A ponte conduz.

## 7.

Havia uma frase de O'Neill na parede da biblioteca que Antero passou a visitar: "A vida é breve mas cabe nela muito mais do que sabemos."

Antero não citava em voz alta; trazia a frase no bolso, como um lenço bom para dias de vento.

De tarde, Carminda ofereceu-lhe um caderno novo. Capa azul.

- Para veres de que cor é que começas.

Ele escreveu na primeira folha:

"Não há céu que me baste  
sem o mapa dos teus rios.

Não há ilha que me espere  
se eu não aprender a ficar."

E fechou o caderno, em silêncio.

No outono, a luz inclinou-se e aprenderam horários novos.

Antero voava de modo a não perder o céu. Ficava o suficiente para não perder a terra.

Carminda continuava a ser ponte entre uma margem e a outra, entre a biblioteca e a rua, entre dizer e fazer.

Um domingo, voltaram a Almourol com chuva miúda. Subiram devagar. A pedra brilhava, molhada. Lá em cima, o vento trouxe o som dos dois rios tal canção que se canta sem saber a letra.

- Sabes, Antero - disse Carminda - a lenda da Ilha dos Amores não é sobre dois seres que se encontram. É sobre dois que, ao encontrarem-se, deixam de ser dois. Não viram um no outro um porto. Viram um rio.

- E eu?

- Tu aprendeste a ser margem e a ser corrente quando era preciso. Não há melhor mapa.

No inverno, o nevoeiro voltou, caprichoso como sempre.

Antero, agora escalado com rotas que não lhe tiravam o Tejo da vista, olhava a ilha de vez em quando sem insistir, sem pedir espetáculo. Quando o manto cinzento se abria, via relva e a pequena estaca de salgueiro, teimosa, a pegar vida. No primeiro dia em que apareceu uma folha, ligou a Carminda, sem dizer "olha a ilha". Disse:

- Há verde.

- Então é sinal - respondeu ela. - As esperas que valem a pena acabam sempre em ramos.

## 8.

Um ano passou, e o rio continuou a inventar maneiras de ser rio. Houve noite de procissão, luzes na água, vozes a chorar nomes antigos. Houve manhã de feira, riso alto, peixe fresco, pão de ontem que sabia a hoje. Houve dias de céu limpo e dias de céu em suspense.

Numa dessas tardes, Antero levou um envelope para a biblioteca. Dentro, um texto com título simples: "A Ilha que Espera".

Deixou-o no balcão, sem assinatura. Carminda encontrou-o depois, folheou, viu-se, não como retrato, mas como margem.

- Quem é? - perguntou a bibliotecária.

- Alguém que finalmente chegou a horas - respondeu, sorrindo.

No verão seguinte, a estaca de salgueiro já não era promessa, era sombra.

Voltaram à ilha com um miúdo que lhes correu entre as pernas, filho de amigos, riso de vento.

O barqueiro assentiu de longe, como quem abençoa sem palavras.

Antero encostou o ouvido ao tronco: ouviu água a subir, ouviu pássaros, ouviu o ruído cá de dentro que, por uma vez, parecia concordar com tudo.

- E agora? - perguntou.

- Agora vivemos - disse Carminda - E quando for preciso escolher, já sabemos. A ponte.

- E a ilha?

- A ilha fica. É bom haver coisas que ficam.

O Tejo e o Zêzere continuam a encontrar-se sem pedir desculpa ao tempo.

Almourol guarda.

Constância escreve como nos tempos de Camões e O'Neill.  
E a Ilha dos Amores, paciente, espera só o que é preciso esperar.  
Há quem passe por Constância para tirar fotografias. Há quem pare para beber  
água e siga viagem. Há também os que chegam sem saber que chegaram, e des-  
cobrem, sem pressa, que os lugares às vezes escrevem por nós.  
Antero ainda “anda no ar”. Carminda ainda “faz pontes”.  
Entre os dois, uma ilha que aprendeu a dizer: quando.  
E um castelo que aprendeu a guardar: como.  
O resto é o rio que nunca deixa de dizer: aqui.

# Concurso Literário Alexandre O'Neill 2025

## Cruzeiro das bruxas Maria Afonso (Comun. Adulta - Conto)

Aquele era um tempo de quase unanimidades, que podiam ler-se no muito saber das coisas da agricultura e dos animais que serviam as gentes, na pobreza do vestir e rudeza do falar, na ignorância dos conhecimentos de ciências, letras e números. Uma aldeia pequena é um microcosmo, mas se no fundo de um vale, como neste caso, é equacionada como um fim de mundo, talvez vislumbrada como princípio de inferno, ou purgatório em viagem para o paraíso.

Por razões de trabalhos assalariados, ou à jorna, como então se dizia, alguns homens saíam da aldeia pequena com frequência, dirigiam-se à aldeia grande, sede da freguesia, oito quilómetros palmilhados a passo largo, às vezes de parceria com uma burra ou um macho, animais de muitos préstimos. O caminho, porque estrada não se lhe pode chamar, por via da estreiteza e das irregularidades do piso, era menos percorrido pelas mulheres, que apenas o faziam em família em dias grandes e raros de ir a festas, a médicos ou tratar de papéis de contribuições ou parcias heranças.

Muitos homens ansiavam pela liberdade dos dias de sair, fosse para trabalho fosse para lazeres, ou para jornadas onde a miscelânea se compunha com labores e folguedos. Por hábito, talvez não se possa invocar outra causa, frequentavam mulheres de vida difícil, em camas apertadas e conspurcadas, em casebres envergonhados, na rua mais esconsa da aldeia grande. O que ali faziam não se conta, há fealdades que podem ser belas, mas esta não o é, nunca o foi, jamais o será.

E nisto, já estavam na tasca da Coxa, a retemperar o corpo com copos de tinto ou de bagaço, entre gritos e nacos de pão com toucinho rançoso. Entorpecido o olhar e o entusiasmo, contadas as sobras da jorna, pediam o avio de sempre:

meia dúzia de postas de bacalhau, café, massa e pouco mais, tudo embrulhado em papel pardo ou sobras de jornais lidos em silêncio e relidos em voz alta. Em muitas ocasiões, estes e outros clientes pediam à mulher do taberneiro que assentasse no livro, ela puxava do lápis e, desenvolta, anotava numa página suja os parclos algarismos. A mulher aceitava que assim fosse, a pobreza dos clientes espelhava no seu olhar o mesmo que a sua perna atrofiada pela poliomielite, a resignação ante uma sina. O taberneiro, se estava por perto, anunciarava sempre, numa voz cansada de quem há muito perdera a esperança, que tinham de acertar contas até ao fim do mês, faltassem dois ou vinte dias. Receberia, eram gente de boas contas, mas só no verão, após ceifas, mondias ou tiradas de cortiça, trabalhos de equilibrar o barco da vida. A seguir, no regresso à aldeia pequena, o anoitecer escondia-lhes os passos incertos e as certezas de desesperança.

Há muito se contava que no Cruzeiro do Moinho de Vento, a meio caminho entre a aldeia grande e a pequena, em certas ocasiões, de raro em raro, porque ocorrências estranhas valem pela raridade, alguns homens eram atraídos por mulheres exóticas e tentadoras. O sítio, por isso, era, para alguns, conhecido como Cruzeiro das Bruxas. Nos dias pequenos e frios de inverno, para ajudar a enganar o passar do tempo e não só, os mais velhos contavam histórias aos mais pequenos. Por vezes o tema eram as bruxas e os lobisomens, mas ao Cruzeiro das Bruxas ninguém aludia, até porque as histórias contadas aquecidas ao lume eram de um tempo que há muito passara. O que tinha a ver com o Cruzeiro do Moinho de Vento era coisa de homens, tema comentado em surdina, com mil cuidados. As mulheres suspeitavam, mas não mais do que isso, pois problemas não lhes faltavam, logo abdicavam da curiosidade, pelo menos por esses dias. Os testemunhos eram idênticos, algumas eram experiências a solo, mas havia quem viesse acompanhado quando lhe calhou ser atraído. Ao regressarem bem bebidos da aldeia grande, entardeceres de silêncios, de ventos parados, com as velas do moinho quietas, numa língua que não sabiam decifrar, os homens escutavam uma chamada a partir da cabana velha. Os relatos coincidiam, quando se chegavam à janela, espreitavam por um pequeno orifício arredondado na porta-dia, o sítio de onde um nó da madeira saltara, o excerto de um antigo ramo, o braço de uma árvore desfeito em nada e canal de luz, o telescópio da perdição. Lá dentro, uma mulher de pele escura, sem ser negra, de um moreno tisnado de ouro, uma talha dourada que era coluna salomónica viva. As maçãs do rosto proeminentes, uma carapinha que podia muito bem confundir-se com as labaredas de uma fogueira. Toda brilho, estátua viva cintilante.

Dizia-se ainda, em surdina, que ao perceber que do lado de fora a espreitavam, a figura, impassível, sisuda, como se dizia por aquelas paragens, fazia um sinal para que o curioso abrisse a janela. Era sempre a medo que aquele que perscrutava fazia ranger a velha porta. E segredava-se que ela se tocava, afagava o

pescoço, passava os dedos pelos lábios carnudos. No exterior transpirava-se numa excitação desmesurada, ofegante. O manto que a cobria caía, como que levado por uma brisa leve, e ali estava ela, uma deusa, aquele busto só podia ser o de uma deusa. Quanto ao mais, os relatos eram díspares. Uns asseguravam que, aberta a porta, tudo desaparecia e que a rapariga era obra de visões por via de aguardentes mal destiladas; outros garantiam terem-se aproximado da deusa e que o leve toque de um dedo a fizera esfumar-se, deixando um cheiro a enxofre irrespirável e sugeriam tratarem-se de armadilhas do demo; houve ainda quem garantisse que o Beirinha se enrolou com a musa encantada e que desde esse dia nunca mais na conversa dele bateu a bota com a perdigota.

O Meles e o Bode eram homens na flor da idade. A graça destes rapazes, como noutros tempos se diria, não era o nome por que tantos os conheciam na região. Inseparáveis, apresentavam-se como a luz e a sombra, polos opostos de uma bateria e a comparação não se faz por acaso, porque em conjunto formavam uma dupla a que nunca se acabavam as pilhas. O João da Jaquina, ou melhor, o João Francisco quando espigou ficou conhecido por Meles, começou a chamar-lhe assim toda uma geração de rapazes e raparigas que, ao mesmo tempo que ele, na aldeia pequena, passava pela adolescência. Quem olhasse para o rapaz, reservado, fechado sobre si próprio, leitor de livros de cowboys, pouco ou nada dava por ele. Mas quando levantava o queixo, ajeitava a franja loura e deixava voar o olhar que se desprendia de um par inconfundível de olhos verdes, o mundo como que ficava em sentido. Já não era ele, assumia a personagem dos livros de quadrinhos: "Relâmpago, o cowboy galante". Atirava uma frase curta e rápida, mas certeira, qual pistoleiro do velho Oeste que saca a arma e dispara. Bastavam três ou quatro palavras, podia ser "Eu dou conta deste" ou "É assim porque sim". E, desta maneira, sem esforço aparente, deixou cerca de uma dúzia de raparigas a lutar por ele. Experimentou-as todas, ou melhor, beijou-as todas em poucos meses, como que a tomar-lhes o gosto. Três delas, a Anita, linda, a Milita, inteligente, e a Virlita, que deixava perceber, à vista desarmada e ao tato do rapaz, um corpo perfeito, ficaram para o fim. Foram meses de beijos e abraços, para se tentar chegar à escolha final do João da Jaquina. Foi por esses dias que lhe puseram a alcunha Meles. Fizeram-se apostas, más-línguas afirmaram que só na horizontal é que havia de se tomar a decisão. De súbito tudo se decidiu, o Meles desistiu das raparigas da aldeia pequena. Ninguém sabe, a não ser talvez o Bode, mas a verdade é que as três cachopas, cientes do seu papel de finalistas, cada qual a seu tempo, se deitaram com o Meles. Estava ele quase decidido quando se dispôs a testar mulher experiente na rua esconsa da aldeia grande. Calhou a que ali transitasse, por esses dias, uma rapariga destas vidas que nem dois dias se demorou. Mulata roliça, encheu as medidas ao Meles e ele fez-se outro. Foi assim que o João da Jaquina desistiu de namoros e se aproximou do Bode.

O Bode já não ia para novo, quase que apetece dizer que era já um bode velho. A verdade, porém, é que não era velho e muito menos arraçado de gado caprino. Belchior do Solar nasceu em família titular de propriedades rurais, diz-se que brasonada, todavia na aldeia pequena jamais se confirmou se as pedras esculpidas que ainda hoje rebolam nos quintais semiabandonados do velho solar integraram um antigo brasão, se família e solar andam há muito ligados e se não se encontraram por um qualquer acaso. A mãe de Belchior é a Sra. D. Perpétua, um cabide vestido de negro, o pai era o Morgado e morreu ainda o rapaz não andava. Ficou, deste jeito, filho único, esperança da mãe para que continuasse a dar à família a preponderância local que sempre tivera. Mas não, o rapaz nunca se interessou pelos pinhais e pelas leiras. E, acrescente-se, para que se perceba a situação, a mãe não aceitou pagar as jornas crescentes nesse fim da década de sessenta, pelo que as terras ficaram bravas e os pinhais inundados de matos. A família passou a viver do rendimento de cortes esporádicos de pinheiros, mas alguns incêndios e outros contratemplos diminuíram-lhes muito as receitas. O Belchior do Solar sempre foi um rapaz de recusas. Daqui resulta que muitos o vejam como inteligente e corajoso, porque todos temos vontade de recusar, mas falta-nos determinação.

Aprendeu a ler e a escrever, espreitou histórias de aventuras, mas recusou-se a memorizar linhas de comboio; depois, não se aceitou parado no seminário para onde a mãe o enviou e deixou o percurso sacerdotal que, em abono da verdade, nunca iniciou; de volta à aldeia pequena, trazia grandes projetos de gestão do património familiar, mas, diante da atitude da progenitora de não lhe dar espaço, juntou-se ao Meles. Eram, pois, nesse tempo, dois estroínas, à procura de bailes e festas, a gastar as tardes em tabernas e a aplicar os ganhos de negociatas de legalidade duvidosa em encostos na rua apertada e de maus odores da aldeia grande.

De tanto ouvir falar no caso, há muito que o Meles e o Bode assumiam o desejo de que lhes fosse travado o passo no Cruzeiro do Moinho de Vento, para um momento de presumidas boas vistas, sedutoras conversas e inesquecível serão.

Aconteceu num dia particularmente frio, em que soprava um vento gélido que se metia nos ossos, ocasião em que os comparsas vinham menos bebidos do que o habitual. Não que viessem sóbrios, pois qualquer deslocação desta dupla à aldeia grande era sempre bem regada por tintos e bagaços de qualidades duvidosas. A mulher exótica tentou-os e não foi necessário esforçar-se para que eles entrassem na velha cabana, semiabandonada, que em tempos fora refúgio de gado e de pastores. Foi, contudo, com enorme surpresa que os homens deparam com um espaço que nada tinha de desprezado ou pobre. Como que por magia, viram-se numa sala rica e muito confortável. Todo o chão, que não acreditavam que fosse terra, estava atapetado com carpetes de tecelagem delicada,

multicoloridas, onde se evidenciavam os tons vermelhos e as formas geométricas envoltas por cornucópias. Ao fundo, numa grande lareira, o fogo consumia lentamente três troncos colossais. A mulher, ainda jovem, cuja idade Meles e Bode, de si para si, procuravam avaliar, disse chamar-se Zahara, enquanto recolheu uma chaleira que fervia encostada ao fogo. Era jovem, mas tanto podia ter 18 como 38 anos. Disse-lhes que sabia o nome de ambos, ou o nome por que todos os identificavam, o que lhe bastava, que já lhes ouvira algumas conversas, mas sobretudo gente a falar sobre eles, maioritariamente com respeito, mas em certos casos com algum medo. Era uma tentação, um feitiço, pensaram, mas perdera por completo o lado lascivo com que era identificada por todos aqueles que, em surdina, a ela se referiam. Deitou da chaleira, em três chávenas, o líquido fumegante de tom esverdeado, do qual saltou um aroma inebriante, reconheceram de imediato o cheiro a menta, mas ficaram ignorantes quanto às demais plantas da infusão. Ela percebeu-lhes o misto de inibição e excitação, todavia o chá que serviu teve o condão de lhes pôr água na fervura do desejo. A bebida reconfortou-lhes o corpo e o espírito e, ainda que viessem um pouco ébrios, assaltou-os uma sobriedade como há muito não sentiam. Não se tratava de um sonho, disso tinham a certeza.

O Meles ganhou coragem e, num dos seus repentes, perguntou-lhe quem era ela. Repetiu o nome, mas, daí para a frente, não respondeu da forma direta a que estavam habituados por aquelas paragens. Contou-lhes histórias, da sua tribo, caravaneiros de morada incerta do norte de África, de como há muito os seus antepassados vieram para a Península em nome de Alá. Acrescentou que os moveu também a busca de vida melhor, como sempre acontece em casos de mudança de paragens. A referência à religião islâmica assustou-os e Zahara, de rompante, questionou-os acerca do que conheciam da sua religião. Encolheram os ombros. Explicou, sempre com palavras que sabiam a mel e cheiravam a menta, que, para si, de entre os mandamentos do islamismo, apenas um era realmente o alicerce da sociedade, tratava-se da caridade. Acrescentou que quem o cumprisse, quem desse a mão aos demais, seria sempre um agente da tolerância e da paz. Nesse tempo longínquo em que o seu e outros povos vizinhos vieram para a Península Ibérica, prosseguiu, depois de anos de guerras, fizeram-se pazes. E fazer pazes, prosseguiu, não é apenas prescindir de combater, as pazes alimentam-se e, por isso esse foi tempo de trocar experiências, namorar e jogar jogos.

O Bode permanecia boquiaberto, de olhos esbugalhados e, a dada altura, lembrando de coisas que ouvira em algumas aulas do seminário, atirou que esse espírito pacificado não subsistira por muito tempo. Zahara meneou a cabeça, num movimento de concordância e pô-los ao corrente da inversão dos papéis e de como cavaleiros com grandes cruzes vermelhas marcadas nas vestes, montados em

cavalos nervosos, a que chamavam cruzados, semearam a morte e a destruição, também entre a sua família.

Os homens, tomados por um qualquer encantamento, mas também alienados pela beleza do momento, perderam a noção do tempo. A dada altura, após a alusão a vários episódios de um passado longínquo, confessou-lhes a razão que determinava a sua presença naquele local. Fora-lhe atribuído o papel de semear a paz, o que fazia através dos testemunhos que deixava a quem por ali passava. De súbito, apagou-se-lhe o brilho que lhe saltava da face. Nisto, com uma voz antiga, que lhes pareceu cansada, disse-lhes que nem sempre tinha conseguido os seus intentos, porque os homens priorizam a satisfação dos seus desejos. Entretanto, de novo com a confiança estampada no rosto, onde brilhavam uma pele dourada e um par de olhos cristalinos, informou-os que era hora de partirem. Pacificados, mas algo pesarosos, abandonaram a velha cabana, num silêncio que feria. "Até amanhã" foi a única frase trocada entre o Meles e o Bode naquele amanhecer gélido.

No dia seguinte, após meia dúzia de horas de cama, o Bode decidiu tomar o banho que há muito a mãe lhe recomendava, aparou a barba e passou um pente pelo cabelo rebelde. Vestido com o melhor fato de que dispunha, a cheirar a naftalina, fez-se ao caminho que conduz à aldeia grande. O dia levantara-se solarengo, o estado do tempo semeava otimismo, a mãe do Bode espreitou pela janela assim que este pôs o pé na rua e, ao vê-lo naqueles preparos, esboçou um sorriso e voltou a acreditar. O Bode pensou seguir para a aldeia grande por um atalho, mas assim que o viram, homens e animais entraram em tal agitação que fizeram acorrer o Meles à janela. Ao deparar com o parceiro assim vestido, perguntou-lhe onde ia, ao que o mais velho respondeu que decidira deslocar-se à aldeia grande, onde iria comprar algumas coisas de que precisava para mudar de vida. Do interior da casa singela, o Meles respondeu que iria preparar-se e que seguiria com ele, mas que se o Bode quisesse adiantar caminho rapidamente o apanharia.

O Meles teve de estugar o passo e só ao fim de uma hora em ritmo acelerado alcançou o Bode. Quem os visse entrar na aldeia grande diria que, com as melhores fatiotas que tinham, seguiam para um casamento, no caso do Meles a indumentária era rematada por um chapéu branco de cowboy, que o rapaz usava em ocasiões especiais. Nem um nem outro fizeram qualquer comentário acerca da forma como tinham decidido vestir-se.

Na taberna da aldeia grande sorveram uma grande chávena de café de cafeteira, acompanhada de uma filhó polvilhada de canela e açúcar, mas, para espanto de todos, já admirados com a forma como estavam abonecados, prescindiram do bagaço. Avançaram para o espaço contíguo, onde o Bode comprou alguns sacos de sementes: nabo, cevada, milho e batata para sementeira. Encomendou ainda

uma dezena de sacos de adubo. Pagou a pronto. Levou consigo o pequeno saco com sementes de nabo e informou que viria na semana seguinte, com uma carroça, para transportar tudo o que encomendara. Boquiaberta, a Coxa teve dificuldade em esconder a estupefação.

Almoçaram tarde, bacalhau com grão, e quando o taberneiro trouxe uma garrafa de vinho tinto para o Meles e uma outra para o Bode ambos reagiram, informando que uma garrafa era suficiente para os dois. Limitaram-se à troca de palavras de circunstância e, diante do insólito do momento, os habituais clientes da tasca da Coxa permaneceram num silêncio nada habitual. Pouco depois da refeição, concordaram que era tempo de regressarem à aldeia pequena. Passavam defronte da Quinta do Chico dos Burros, negociante de muares, quando o Meles atirou que ia entrar para fazer um negócio. De pé atrás, o Bode disse que, uma vez que seguiam juntos, entraria com ele, no caso do comparsa não se incomodar. O Meles meneou a cabeça em sentido afirmativo. O Bode ficou sem palavra quando o Meles ofereceu dez contos de réis por um cavalo branco, um exemplar extraordinário. O Chico ainda pediu doze contos, mas quando o Meles confessou que era todo o dinheiro que tinha, o outro aparelhou o animal e mandou-o montar.

Ao longo de todo o percurso, a humilhação e a raiva do Meles foram crescendo. Com o pequeno saco de serapilheira numa das mãos seguiu ao lado do Meles montado no belíssimo corcel. Sentia-se o escudeiro de um cavaleiro que não tinha onde cair morto, certo que a bem ser os papéis deveriam inverter-se. Era o Sancho de um D. Quixote do velho Oeste dos livros de quadradinhos. Ambos levavam os nervos em franja, partilhavam o silêncio dos infernos e iam convencidos que o amor que sentiam por Zahara não tinha sentimento que se lhe equiparasse. Estava-se a pôr o sol quando atingiram o Cruzeiro do Moinho de Vento. Zahara abriu-lhes a porta e mandou-os sentar à mesa, serviu-lhes pão, compota de frutos que desconheciam e aquele chá de que se desprendia um odor de menta. Voltou às histórias antigas, mas, a dado momento, já a noite ia adiantada, deu uma volta à narrativa e passou a referir-se ao presente. Disse-lhes que haviam sido escolhidos para fazerem o trilho da paz. Não entenderam bem e ela não explicou mais, antes alertou para o adiantado da hora e para a necessidade de se fazerem ao caminho. O Bode imaginou-se no solar da família, devidamente recuperado, todas as terras cultivadas, com Zahara como sua mulher, a fazerem o bem a quem precisava; o Meles imaginou-se a cavalgar o seu cavalo branco, com Zahara encostada a si, qual Relâmpago, o cowboy galante, a fazer justiça por toda a região.

Ambos disseram “até amanhã” num uníssono que parecia ensaiado, ambos desejavam ver o outro pelas costas para regressarem ao Cruzeiro do Moinho de Vento e declararem o seu amor a Zahara. Meles foi o primeiro a chegar, ou não viesse a

galope na sua montada. Zahara pegou-lhe na mão e explicou-lhe que gostava muito dele e do amigo, mas que não se podia afeiçoar a nenhum deles em particular e retomou a ideia de que tanto ele como o amigo tinham um papel a desempenhar, mesmo podendo tratar-se de um sacrifício e, num momento em que os conhecia melhor, isso entristecia-a muito. Abraçou-o, para que ele não percebesse as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto e lhe apagavam o brilho que a tornava tão tentadora. Foi nestes propósitos que Bode os encontrou, perdeu o discernimento, puxou da navalha de ponta e mola e espetou-a entre duas costelas do amigo. O Meles gemeu e caiu a seus pés, ao mesmo tempo que Zahara, como num passe de mágica, se esfumou, ficando no ar apenas um cheiro a enxofre que feria as narinas.

Muito se especulou na aldeia pequena, e também na grande, sobre o destino da dupla Bode e Meles. Muitos contam a história que vivem no Brasil, onde comandam um bando de salteadores que semeia a morte e a desgraça.

Desde o desaparecimento do Meles e do Bode, há cerca de uma década, que não havia testemunhos de encontros com gente exótica na cabana do Cruzeiro do Moinho de Vento. A cabana, entretanto, foi ocupada por um ermitão de longas barbas e cabelos, vestido com um simples hábito de burel, que costuma montar um velho cavalo branco. Prepara chás e outras mezinhas, que facilita a quem precisa, para tratar males do corpo e do espírito. Tem-se tornado afamada a cabana do ermitão, todos falam dela e dos conselhos que ele dá, capazes de tornar as pessoas mais felizes e confiantes. Quando o assunto é de desavenças, conta a história de um amigo que teve de sacrificar a vida de outro para chegar à paz. No fim acrescenta sempre que a paz se constrói por si mesma, sem necessidade de pretextos ou sacrifícios.

**11.º  
Concurso  
Literário  
Alexandre  
O'Neill 2025**

**Apagão com alma**  
**Pedro Nuno (Comun. Adulta - Poesia)**

Às 11h33, Lisboa apagou-se.  
Um suspiro elétrico,  
as buzinas perderam comando,  
os semáforos ficaram cegos.

Cada bolso, uma ilha sem rede.  
Cada rosto, um naufrago sem notícias.

A rádio ergueu-se do esquecimento,  
o telemóvel rendeu-se ao silêncio.

E caminhei, oito quilómetros e pouco mais.  
A cidade inteira a andar comigo.  
Vi crianças a correr atrás da infância,  
cartas voando no vento,  
filas diante de multibancos mortos,  
lojas abertas sem nada para vender.  
Um sorriso comprava mais que moedas,  
um "obrigado" tinha o peso de ouro.

Na relva da Alameda,  
pais descansavam como outrora,  
beijos demorados cresciam sem interrupções,  
ninguém roubava atenções,

ninguém tinha pressa.  
E eu lembrava.  
A voz da minha mãe à janela,  
a chamar-me quando a rua escurecia.  
As meias gastas, o corpo sujo,  
mas feliz, inteiro.

Lembrei os jogos de rua:  
a macaca, a corda, a cabra-cega,  
as conversas, sentados no muro,  
quando bastava bater à porta  
para saber onde estava um amigo.

Lembrei tardes de primos,  
contando trocos em mãos pequenas,  
correndo à mercearia do senhor  
que todos conheciam pelo nome,  
pelas rugas, pelas histórias.  
Um lanche de pão e sumo  
sabia a banquete de reis.

Lembrei a avó à mesa,  
as mãos lentas, o gesto doce,  
o lanche preparado com amor,  
interrompido apenas  
pela missa na rádio.

Lembrei o campo,  
o porco alimentado,  
as galinhas no quintal,  
a lenha cortada,  
as vindimas cansadas e felizes.

O mundo já foi simples.  
E naquele dia, voltou a ser.

Sentei-me num banco de jardim.  
Respirei o silêncio. E compreendi:  
no apagão não faltava a luz,  
faltávamos nós.

11.º

# Concurso Literário Alexandre O'Neill 2025

## A ilha e os poetas

Romãzinha Maria (Comun. Adulta - Poesia)

O Tejo corre como verso antigo,  
o Zêzere entrega-lhe rima de afluente.  
No meio, a ilha ergue-se de verde e silêncio,  
suspenso entre margens como quadra solta.

O Castelo de Almourol vigia,  
pedra sobre pedra,  
guardando séculos que o vento não leva.  
As ameias, palavras caladas,  
anseiam por quem as saiba ler.

E lá, na curva da luz, parece-me ver Camões,  
remando contra o tempo, com um livro na mão  
e o olhar posto num destino sem mapa.

A Ilha dos Amores respira lenda,  
mistura de sonho e de água.  
Dizem que nela repousam  
as promessas que o rio não arrasta.

Talvez tenha visto a mesma bruma  
que hoje me cobre os passos,  
e nela a figura que chama, sem dizer o meu nome.  
Almourol, firme, a tudo assiste:

viu cavaleiros, reis, soldados que voltaram,  
amantes que ficaram.

E guarda, em cada sombra,  
o eco de uma voz que recita ao vento  
como se o vento fosse espetador.

Não sei se a ilha me chama,  
ou se sou eu que invento o chamamento.  
Talvez também Camões tenha entendido  
que há portos onde não se chega de barco,  
mas de escolha.

Hoje, deixo-me ficar na ponte,  
o castelo à esquerda, a ilha à frente e o rio por baixo,  
a ensinar-me que corrente e destino  
são a mesma coisa dita de outra forma.

É então que oiço O'Neill,  
num canto qualquer da esplanada,  
a sorrir torto e a dizer:  
- Não te prendas demasiado a mapas.  
As margens mudam; o rio muda.  
E, no fundo, ninguém sabe onde começa a ilha.

É então que recito para ninguém:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Mas a ilha espera  
tal como Almourol,  
tal como a palavra escrita  
nas margens do Tejo e do Zêzere.